A PEDAGOGIA DE PROJETOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONSTRUINDO CONHECIMENTOS E HABILIDADES

Itatiana Fernandes e Silva[1]

Dra. Tania Nunes Davi[2]

RESUMO: Uma das formas de aperfeiçoar o ensino aprendizagem é a utilização de metodologias que permitam ao aluno construir seu conhecimento e trazer a toma as habilidades necessárias a cada etapa da vida acadêmica. Uma das propostas mais comentadas atualmente é o uso da pedagogia de projetos, como estratégia metodológica. O objetivo geral dessa pesquisa foi perceber como a pedagogia de projetos pode ser utilizada nos anos iniciais do Ensino Fundamental como uma ferramenta que estimule um processo ensino aprendizagem com conhecimentos, habilidades e competências mais sólidas. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo para embasar a parte teórica e construir uma sugestão de pedagogia de projetos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A atividades da pedagogia de projetos são iniciadas com um problema do mundo real, a resolução desse problema deve envolver trabalho cooperativo de pesquisa, hipóteses e resultados. Partindo dessas premissas devemos ainda apontar que na aprendizagem por projetos não deve existir respostas prontas, nem erro, mas múltiplas possibilidades e caminhos para se resolver o problema inicial. A pedagogia de projetos é uma estratégia de aprendizagem interdisciplinar na qual o professor é o mediador da busca pelo conhecimento e, como tal, não deve impor aos alunos o seu saber, mas orientá-los na busca de respostas, disponibilizando acesso a diferentes gêneros textuais e as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) para encontrarem respostas ao problema inicial e apresentar suas conclusões à comunidade escolar.

Órgão financiador: FAPEMIG

Palavras chave: Pedagogia de projetos. Ensino Fundamental. Aprendizagem significativa.

ABSTRACT: One of the ways to improve teaching learning is to use methodologies that enable the student to build their knowledge and bring the necessary skills to each stage of the academic life. One of the most talked about proposals today is the use of project pedagogy as a methodological strategy. The general objective of this research was to understand how the pedagogy of projects can be used in the initial years of Elementary Education as a tool that stimulates a learning teaching process with more solid knowledge, skills and competences. The methodology used was the qualitative bibliographical research to base the theoretical part and to construct a suggestion of pedagogy of projects in the initial years of Elementary School. The activities of the pedagogy of projects are initiated with a real world problem, the resolution of this problem must involve cooperative work of research, hypotheses and results. Based on these premises we must also point out that in project learning there should be no ready answers, no error, but multiple possibilities and ways to solve the initial problem. The pedagogy of projects is an interdisciplinary learning strategy in which the teacher is the

[1] Aluna do curso de Pedagogia da FUCAMP/FACIHUS, Monte Carmelo. Bolsista do Programa PIBIC/FAPEMIG. E-mail: itatiana.pedagogia@gmail.com

[2] Orientadora. Doutora em História, pela UFU, Uberlândia/MG. Professora da FUCAMP/FACIHUS, Monte Carmelo/MG.

mediator of the search for knowledge and, as such, should not impose on students their knowledge, but guide them in the search for answers, providing access to different textual genres and ICTs (Information and Communication Technologies) to find answers to the initial problem and present their findings to the school community.

Funding body: FAPEMIG

Keywords: Project pedagogy. Elementary School. Meaningful learning.

1. Introdução

Esse artigo é resultado de pesquisa desenvolvida, ao longo de 2018, com bolsa de Iniciação Científica da FAPEMIG, que permitiu a aluna pesquisadora enveredar pelos caminhos da pesquisa, da análise crítica, da síntese e das metodologias científicas de pesquisa.

O ensino aprendizagem no Brasil carece de bons resultados. No PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), que avalia o desempenho de alunos do 5° ao 9° ano, o Brasil está em penúltimo lugar – à frente apenas da Indonésia[3]. As avaliações internas, aparentemente, apontam melhorias nos índices de aprendizagem, mas as médias apresentadas ainda estão abaixo do esperado. Os dados da Prova Brasil de 2015 mostram que houve um aumento do índice de proficiência em leitura nos anos inicias que passou de 196 (2013) para 208 (2015); em Matemática passou de 211 (2013) para 219 (2015)[4]. Esses dados da Prova Brasil parecem indicar que estamos melhorando, mas ainda há um longo caminho a percorrer para que os alunos tenham um melhor nível de proficiência em leitura e escrita e em outras áreas.

Uma das formas de aperfeiçoar o ensino aprendizagem é a utilização de metodologias que permitam ao aluno construir seu conhecimento e trazer a toma as habilidades necessárias a cada etapa da vida acadêmica. Uma das propostas mais comentadas atualmente é o uso da pedagogia de projetos. Alguns dizem que é mais um modismo, outros que é mais uma importação de ideias estrangeiras, e que só é aplicável no papel e não na prática; há ainda os que afirmam que só dá para utilizar no Ensino Médio. Outros argumentam que a pedagogia de

[3] BRASIL ESTÁ EM penúltimo lugar no ranking da educação. Disponível em: <http://www.progresso.com.br/caderno-a/educacao/brasil-esta-em-penultimo-lugar-no-ranking-da-educacao> Acesso em: 09 nov. 2017.
[4] INEP APRESENTA RESULTADOS da Prova Brasil 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/09/inep-apresenta-resultados-da-prova-brasil-2015> Acesso em: 09 nov. 2017.

projetos não é um método mais uma postura pedagógica. Independente das críticas, a pedagogia de projetos pode ser um recurso para a melhoria da educação no século XXI.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental a aprendizagem baseada em projetos, ou pedagogia de projetos, pode ser utilizada em atividades nos mais variados conteúdos, possibilitando que os alunos possam ter um ensino significativo, criativo e aprofundado sobre temas estudados e do cotidiano.

Partindo desses apontamentos iniciais o objetivo geral desse artigo foi perceber como a pedagogia de projetos pode ser utilizada nos anos iniciais do Ensino Fundamental como uma ferramenta que estimule um processo ensino aprendizagem com conhecimentos, habilidades e competências mais sólidas. Para tanto nos propusemos a percorrer a teoria sobre pedagogia de projetos e sua aplicabilidade nos anos iniciais, montando uma sugestão de projeto dentro do tema do ensino da história e cultura afrodescendente.

Para atingir o objetivo proposto utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo para embasar a parte teórica com levantamento, leitura e analise de material impresso e online sobre o tema. A partir da leitura do material, fundamentamos a construção da sugestão de aplicabilidade da pedagogia de projetos nos anos iniciais do ensino fundamental.

2. Fundamentação teórica

A pedagogia de projetos baseia-se, em parte, nas propostas do construtivismo na medida em que ambas as abordagens são contrárias ao ensino livresco, a decoreba, a ensinar conteúdos de forma pronta e esquematizada.

No Brasil, o construtivismo começou a ser discutido a partir da década de 1980, com as propostas de Emilia Ferreiro sobre o processo de aquisição da linguagem escrita e da leitura das crianças. Aluna de Piaget, Emilia Ferreiro, pesquisou a situação da alfabetização na Argentina e percebeu que a criança necessita de um ambiente que estimule seu contato com diversos gêneros textuais para que se alfabetize.

Na proposta construtivista, o aluno deve participar de forma ativa do seu aprendizado e o erro não é visto como um tropeço, mas uma possibilidade, pode ser construtivo para a aprendizagem. Ferreiro e Teberosky (1985) afirmam que

> Na teoria de Piaget, o conhecimento objetivo aparece como uma aquisição, e não como um dado inicial. O caminho em direção a este conhecimento objetivo não é linear: não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento umas sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais são "errôneas" (no que se refere ao ponto final), porém "construtivas" (na medida em que permitem aceder a ele). Esta noção de erros construtivos é essencial. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 30)

A avaliação também deve ser diferenciada, de tal forma que não tenha função classificatória e comparativa, mas dialógica e interativa. Já o professor deve ser aquele que auxilia o aluno a se tornar mais crítico e utiliza o conhecimento prévio que a criança traz de casa como motivador de uma aprendizagem significativa.

Outro pesquisador que tem propostas que auxiliam na postura construtivista do educador é John Dewey, um dos pilares da Escola Nova. Para ele o processo ensino aprendizagem deve ter uma função prática, centralizada no aluno, com uma aprendizagem mais ativa e participativa, tendo o educando como o protagonista do aprendizado, adquirindo conhecimentos e conscientização da sua cidadania.

Para Dewey, o professor não é apenas o detentor dos conhecimentos que leva os conteúdos prontos e acabados para seus alunos, ele deve ser o mediador, aquele que utiliza espaços e tempos para que o educando desenvolva sua capacidade de questionar, explorar, pesquisar até que o próprio aluno possa chegar a conclusões, experimentando desta forma o aprendizado.

Dewey caracteriza a escola tradicional como aquela que impõe conteúdos, as disciplinas são pré determinadas, o professor é o único que pode repassar os conhecimentos, sem que exista questionamentos. Assim, o ensino chega pronto ao aluno, sua transmissão se dá por meio dos livros, cópias e textos sem nenhuma fundamentação prática. Já na Escola Nova o aluno é valorizado individualmente, assim como seus interesses, conhecimentos e curiosidades. Na Escola Nova o principal meio de conhecimento é a experiência vivida pelo aluno, a prática leva a um conhecimento mais dinâmico, efetivo e eficaz.

O conceito de experiência é central na formulação pedagógica de Dewey. A experiência parte dos sentidos e pode ser educativa ou deseducativa. A experiência deseducativa é aquela que produz o "efeito de parar ou destorcer o crescimento para novas experiências posteriores" (DEWEY, 2010, p. 14), ou seja, aquela que engessa o aluno em formas automatizadas de pensar e resolver problemas, não lhe permitindo percorrer novos

caminhos para solucionar problemas atuais ou futuros. Nesse tipo de aprendizagem não existiu a experiência, não houve qualidade ampla e profunda, não existiu crescimento, construção e reconstrução de experiências e de aprendizado, o aluno apenas aprendeu para tirar nota, ele não apreendeu para dar continuidade no processo de aprendizagem pois, os conteúdos aplicados, foram ensinados isoladamente e não como parte integral de sua vida.

Logo, a experiência educativa é aquela que, prazerosa, contextualizada e criativa permite que o aluno tenha liberdade de pensar, criar e utilizar seu conhecimento prévio para resolver situações. A experiência educadora permite que o aluno tenha a alma de um pesquisador e explorador, assim,

> O processo educativo é idêntico a crescimento, compreendido como o gerúndio *crescendo*. Crescimento, ou crescendo, no sentido de desenvolvimento, não apenas física, mas intelectual e moralmente, é um exemplo do princípio da continuidade. (DEWEY, 2010, p. 27)

Para que exista uma experiência educadora e prática é necessário que o ambiente físico da escola transmita e crie possibilidades para as experiências dos alunos. A escola deve, de acordo com a pedagogia proposta por Dewey, promover espaços e tempos para que alunos e professores possam elaborar experiências que partam de um pensamento crítico. A instituição escolar seria um agente transformador para seus alunos, fazendo com que os mesmos tenham individualidade e possam chegar a suas próprias conclusões sobre qualquer tema. Dewey aponta que

> A essência do pensamento crítico é suspender a formação de juízos; e a essência desta suspensão é provocar uma investigação para determinar a natureza do problema antes de tentar solvê-lo. Esta circunstância, mais do que qualquer outra, transforma um simples raciocínio em um raciocínio demonstrado e as conclusões sugeridas em outras tantas provas. (DEWEY, 1953, p. 81 apud SOUZA; MARTINELI, 2018, p. 168)

Para ele tanto as formas mais rudimentares de reflexão até as mais complexas, revelam partes diversas; estas partes são apresentadas por ele divididas em cinco fases distintas:

> 1.ª) uma dificuldade encontrada; 2.ª) a sua localização e definição; 3.ª) a sugestão de uma solução possível; 4.ª) o desenvolvimento do raciocínio no sentido da sugestão; 5.ª) observações e experiências posteriores, conducentes a sua aceitação ou a seu afastamento, levando-nos a uma conclusão que nos fará crer, ou não, em dada coisa (DEWEY, 1953, p.78 apud SOUZA; MARTINELI, 2018, p. 167).

A experiência educativa seria aquela que consegue percorrer essas fases sem engessar as ações e pensamentos do aluno, permitindo que ele produza seu conhecimento de forma duradoura. O pesquisador conclui que

> o único caminho direto para o aperfeiçoamento duradouro dos métodos de ensinar e aprender consiste em centralizá-los nas condições que estimulam, promovem e põem em prova a reflexão e o pensamento. Pensar é o método de se aprender inteligentemente, de aprender aquilo que se utiliza e recompensa o espírito. (DEWEY, 1959, p. 167 apud SOUZA; MARTINELI, 2018, p. 168)

A educação brasileira tem buscado, nas últimas décadas, encontrar formas de produzir essas condições que Dewey aponta. Para isso diversas políticas públicas de educação têm procurado apontar caminhos. A nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular)

> propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. (BRASIL, 2018, p.15)

Para conseguir superar essa fragmentação a proposta da BNCC é trabalhar competências gerais que permitam ao aluno construir a sua aprendizagem. Segundo o documento

> competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018, p. 08)

Uma das propostas para "resolver demandas complexas da vida cotidiana" é a aprendizagem baseada em projetos que "é um modelo de ensino que consiste em permitir que os alunos confrontem as questões e os problemas do mundo real que consideram significativos, determinando como abordá-los e, então, agindo cooperativamente em busca de soluções." (BENDER, 2014, p. 09)

2.1 A pedagogia de projetos

Hernandez (1998), evidencia a historicidade da educação e dos projetos, o autor conduz o leitor a uma visão mais reflexiva sobre projetos, apontando que eles não são propostas atuais, surgiram na década 1920. As perguntas que levaram ao método de projeto foram, segundo Hernandez,

> Por que não aplicar a Escola fundamental o que se faz na esfera dos negócios ou Ensino Superior especializado? Por que não organizar a escola seguindo um plano de tarefas análogo ao que se desenvolve fora, na casa, na rua, na sociedade? O que se pretende é que o aluno não sinta diferença entre a vida exterior e a vida escolar. Por isso os projetos devem estar próximos à vida. (HERNANDEZ, 1998, p. 67)

A partir desses questionamentos fundamentais, a metodologia de projeto desperta e cria informações novas para os alunos, partindo do que ele traz de conhecimentos prévios e possibilitando que desenvolva novas habilidades e competências a partir de questionamentos próximos à vida.

Nos anos 1970 não se utilizava o termo projeto, mas trabalho por temas. A proposta era o ensino interdisciplinar, que na época era chamado de currículo em espiral, que servia para mediar as disciplinas por meio das ideias-chave que facilitariam a aprendizagem de disciplinas afins. "O ensino através de temas servirá como mediador para ir além das disciplinas, facilitando aos alunos a aprendizagem de conceitos e estratégias vinculadas a experiências próximas e interessantes para eles." (HERNANDEZ, 1998, p. 70)

Na década de 1980, ressurge o construtivismo. Destaca-se pelo impacto no entendimento do ensino-aprendizagem, na percepção e nas mudanças sobre o conhecimento e seu tratamento a partir da psicogênese da leitura e escrita. Para isso é necessário que a aprendizagem faça uso de diversas formas de linguagem (verbal, escrita, gráfica e audiovisual), para auxiliar alunos nos processos de desenvolvimento intelectual pois, as relações vividas pelo educando fora da escola podem agregar os saberes adquiridos dentro da mesma. Por meio de uma problemática a escola pode incentivar, envolver e redescobrir um novo jeito de ensinar, trazendo ao aluno práticas pedagógicas que ultrapassem os livros didáticos e o tradicional jeito de ensinar.

Hernandez ainda argumenta que os projetos de trabalho (termo que ele usa no lugar de pedagogia de projetos) supõem

> um enfoque de ensino que trata de ressituar a concepção e as práticas educativas da escola, para dar resposta (não "a resposta") às mudanças sociais, que se produzem nos meninos, nas meninas e adolescentes e na

> função da educação, e não simplesmente readaptar uma proposta do passado e atualizá-la. (HERNANDEZ, 1998, p. 64)

A pedagogia baseada em projetos visa desenvolver uma aprendizagem significativa no aluno. A aprendizagem significativa se

> caracteriza pela *interação* entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é *não-literal* e *não-arbitrária.* Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva. (MOREIRA, 2018, p. 02)

Para que a aprendizagem significativa ocorra é necessário que o aluno tenha predisposição para aprender e que o material de aprendizagem tenha significado para ele, permitindo que desenvolva novos conhecimentos, competências e habilidades sobre algum tema. Uma das formas de se promover a aprendizagem significativa passa pelas propostas da pedagogia de projetos.

Existem muitas concepções de como utilizar a pedagogia de projetos de forma direcionada a aprendizagem, mas em geral todas passam por eixos principais: 1. Os projetos devem partir de problemas do mundo real; 2. A resolução desse problema, em geral, envolve um amplo trabalho cooperativo; 3. O projeto deve ser interdisciplinar. (BENDER, 2014, p. 17) Partindo dessas premissas devemos ainda apontar que na aprendizagem por projetos não deve existir respostas prontas, nem erro, mas múltiplas possibilidades e caminhos para se resolver o problema inicial.

O professor é o mediador da busca pelo conhecimento e, como tal, não deve impor aos alunos o seu saber, mas orientá-los na busca de respostas, disponibilizando acesso a diferentes gêneros textuais e as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) para encontrarem respostas ao problema inicial e apresentar suas conclusões a comunidade escolar. O papel do professor é o de, em colaboração com os alunos, desenvolver "uma questão orientadora e altamente motivadora com a qual os alunos irão se identificar" (BENDER, 2014, p. 23) e também construir um espaço no qual o aluno seja motivado a resolver o problema por meio de liberdade criativa, de escolhas e de caminhos a serem percorridos.

Drake e Long (apud BENDER, 2014, p. 25) apontam três critérios para que a pedagogia de projetos seja aplicável em qualquer nível de ensino

> 1. Um currículo elaborado em torno de problemas com ênfase em habilidades cognitivas e conhecimento.
> 2. Um ambiente de aprendizagem centrado no aluno, que utilize pequenos grupos, e uma aprendizagem ativa em que os professores atuem como facilitadores.
> 3. Resultados dos alunos focados no desenvolvimento de habilidades, motivação e amor pela aprendizagem permanente.

Partindo dessas premissas podemos afirmar que a aprendizagem baseada em projetos pode ser uma forma de dialogar com a teoria das inteligências múltiplas de Gardner (1994)[5], na medida que, ao trabalhar formas múltiplas de resolução de problemas, a escola pode se transformar num espaço no qual os alunos possam desenvolver as diferentes formas de inteligência: lógico-matemática, linguística, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, musical, natural e existencial. Os alunos podem assim, de forma conjunta, unir suas capacidades diferentes para chegarem as respostas e conclusões sobre o problema inicial.

É papel do professor criar situações que o aluno esteja envolvido na resolução de problemas e que trabalhe de forma independente (mesmo que em equipes), construindo sua aprendizagem e fazendo-se agente transformador do seu meio, sujeito ativo e participativo de sua aprendizagem. O professor deve valorizar seu momento de mediador dentro do projeto, acreditando na sua capacidade de ensinar e de ser o colaborador para que o aluno alcance conhecimento. Ao se trabalhar com projetos não deve existir hierarquias, assim, o professor deve considerar as manifestações dos alunos, ser flexível para não desprezar suas colocações, sejam elas decorrentes do seu conhecimento prévio do senso comum ou da herança histórico cultural da sociedade ocidental. O aluno deve ter espaços e tempos para agregar ao projeto sua bagagem de conhecimento e cultura, construindo e descontruindo saberes e práticas para resolver o problema levantado.

O professor que trabalha com projetos encontra desafios, ações que extrapolam o tempo em sala de aula, questionamentos da comunidade escolar e possível desinteresse de alguns alunos. Ele deve ter em mente que os projetos podem ser mais qualitativos do que quantitativos, desenvolvendo uma rede de conhecimento entre seus alunos. O educador necessita questionar o aluno sobre o porquê, para que, qual é o objetivo, internalizando em seus educandos que, quando se trabalha com projetos, não estão perdendo tempo, mas sim ganhando conhecimento.

Enquanto o professor orienta seus alunos, ele também constrói seu próprio conhecimento, pois deve estudar, pesquisar, refletir. O seu processo de ação-reflexão-ação, aprofunda e melhora sua

[5] A teoria das múltiplas inteligências de Howard Gardner é contrária ao tradicional teste de QI (Coeficiente de inteligência), pois acredita que temos vários tipos de inteligência que podem ser desenvolvidas e utilizadas ao mesmo tempo. E que restringir a inteligência a capacidade de resolver questões de lógica e matemática é deixar de lado as outras habilidades que o ser humano desenvolve ao longo da vida. Logo, se as pessoas têm perfis diferentes de inteligência as escolas também deveriam ser capazes de estimular estas outras formas de inteligência e não apenas a linguística e a lógico-matemática.

prática pedagógica fazendo que tenha uma nova perspectiva dentro do processo de ensino aprendizagem. Ao se propor a trabalhar com projetos o professor melhora sua relação interpessoal com o aluno, entendendo "seu caminho, seu universo cognitivo e afetivo, bem como sua cultura, história e contexto de vida." (VANTI, 2012, p. 13). Conhecendo o aluno, o professor media seus caminhos

> no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento. Portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações – que tem como centro do processo a atuação do professor – para criar situações de aprendizagem cujo foco incida sobre as relações que se estabelecem nesse processo, cabendo ao professor realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo a partir das relações criadas nessas situações. (VANTI, 2012, p. 13)

Os projetos devem fazer parte do cotidiano escolar, envolvendo a família, comunidade e escola, sendo trabalhados de forma coletiva ou individual e sua ação finalizadora necessita ter um cunho social sobre o problema analisado. Os conhecimentos que um projeto oferece são inúmeros e passam pela referência a vida cotidiana, empreendedorismo e aprendizado interdisciplinar de conteúdos em qualquer nível de ensino. Eles podem ser trabalhados com conteúdos específicos, mas com uma ótica interdisciplinar, agregando qualidade ao ensino, pois despertam olhares sobre aquilo que é exposto e questionamentos de como o problema apresentado pode ser solucionado.

É por essas e outras que a pedagogia de projetos pode ser considerada

> uma peça central para complementar uma filosofia construtivista dentro da sala de aula, pois, para se obter uma aprendizagem mais significativa, não basta apenas adquirir conhecimentos teóricos informativos, necessita-se ir além, para direcionar e utilizar toda a informação adquirida. Diante de conteúdos e fatos, é preciso saber analisá-los, criticá-los e sintetizá-los, de modo a planejar ações e resolver problemas. Os aspectos básicos da aplicação dos projetos no ensino relacionam-se a uma total interação do educando com a situação de aprendizagem e com o planejamento em função da realidade, levando em consideração as características dos alunos, da escola e da sociedade. (LEMOS; MOURA, 2018, p.58)

Um fator basilar da pedagogia de projetos é o aluno ver as atividades para além de uma técnica de ensino, como uma oportunidade de autonomia, compreensão e experiências que se formam no contato interpessoal, na pesquisa, no diálogo conjunto para alcançar os objetivos propostos. Assim, a pedagogia de projetos representaria a unidade, a transformação e a interação da escola com a comunidade, no crescimento e fortalecimento das relações e do conhecimento dentro e fora da sala de aula.

3. Sugestão de projeto

Introdução

O projeto pedagógico apresentado neste artigo, nasceu de situações acadêmicas, vividas nos estágios supervisionados ao longo do curso de Pedagogia. Vale ressaltar que é uma sugestão e, dentro da proposta da pedagogia de projetos, outros caminhos podem se constituir ao aplicar nas escolas a temática escolhida. Ao empregar a pedagogia de projetos, como recurso pedagógico, não se pode esquecer seus princípios básicos que são deixar que o aluno construa seu conhecimento, sendo o professor o mediador dos caminhos que não devem ser engessados ou rígidos, mas flexíveis às necessidades e curiosidades do aluno. Assim, ao propor um projeto traçamos aqui caminhos possíveis que, na realidade da sala de aula, podem tomar outros rumos e delinear outras estratégias possíveis que promovam a aprendizagem significativa do educando.

O tema escolhido foi preconceito racial, aceitação da cor negra, da cultura e da religiosidade afrodescendente. Abordar esses assuntos em sala de aula poderá contribuir para a diminuição do preconceito racial e auxiliar na construção de uma identidade negra positiva nos alunos afrodescendentes. A proposta é desenvolver a temática de 1° ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Justificativa

No Brasil, existe a obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afrodescendente[6] nas escolas públicas e particulares em todos os níveis de ensino. Apesar da lei inicial ser de 2003, ainda se tem uma certa dificuldade em se tratar do tema nas salas de aula, decorrente de uma postura histórica de se acobertar os processos de preconceito pelos quais os afrodescendentes passam dentro e fora da escola. Outro fator é a necessidade de formação por parte do professor que deve conhecer mais sobre a história da África e as contribuições dos negros para a cultura do Brasil.

Por sua vez , a BNCC[7] aponta que

[6] Lei 11.645 (BRASIL, 2018), de março de 2008 que alterou a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2018b). A Lei 11645 acrescenta a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena.
[7] BNCC: Base Nacional Comum Curricular, aprovada em 2017.

> A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber. (BRASILc, 2018, p. 399)

Ultrapassar os estereótipos e os (pré)conceitos sobre a história, atuação e formação da etnia negra no Brasil requer mais material, sensibilidade e alteridade por parte do professor para que ele promova a mediação da construção do conhecimento do aluno, com uma visão crítica e cidadã que permita debater preconceitos sociais, estéticos, culturais e históricos que a sociedade brasileira construiu ao longo dos séculos sobre os negros.

Para ultrapassar o racismo não se deve trabalhar a temática afrodescendente apenas no mês da Consciência Negra (novembro) mas discuti-la ao longo do ano letivo, de forma interdisciplinar e proporcionando aos alunos tempos e espaços para uma aprendizagem significativa que promova uma cultura de paz, respeito a diversidade e ao outro, dentro e fora da escola.

Objetivos

Objetivo geral:

Desenvolver uma cultura de respeito a diversidade cultural na comunidade escolar promovendo uma cultural plural e de paz.

Objetivos específicos:

- Construir atitudes de respeito ao afrodescendente, por meio do conhecimento e debate sobre as diferenças de cor, cultura, estética e religião;
- Conhecer a contribuição da etnia negra para a cultura brasileira ontem e hoje;
- Diminuir o conflito e o preconceito racial.

Desenvolvimento

Etapa 1: Apresentação do projeto

Partindo do interesse pelo tema detectado entre os alunos, apresentar a proposta do projeto para os diferentes segmentos da escola: professores, equipe gestora, pais ou responsáveis e alunos.

Essa etapa deve ser feita com cada segmento, pois professores e equipe gestora devem se envolver montando uma proposta inicial de projeto para ser apresentada aos pais. É importante que os pais saibam sobre o projeto e que participem junto com os alunos nas diferentes etapas a serem desenvolvidas.

Para que o projeto alcance seus objetivos a equipe pedagógica deve observar que as modalidades escolhidas em cada atividade atendam a faixa etária do aluno, permitindo a sua participação e construção de novos conhecimentos sobre o tema.

Etapa 2: Leitura do livro gerador em todas as turmas

O livro sugerido é “Minha mãe é negra sim!”, de Patrícia Santana, da Editora Mazza, lançado em 2008.

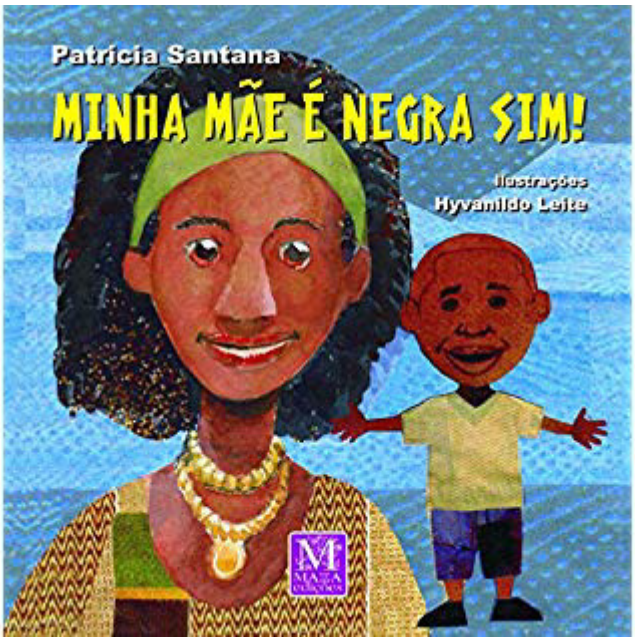

Imagem ilustrativa da capa do livro. Acervo da aluna pesquisadora, 2018.

Nessa obra literária temos o garoto Eno que é levado a se perguntar sobre sua origem. Negro, ele percebe o preconceito da professora que sugere que Eno pinte o desenho da mãe negra, de amarelo por ser uma cor mais bonita. Não pode haver tristeza maior para o seu coração de filho que ama a mãe e a acha linda. Mesmo triste, Eno procura saber no dicionário uma explicação para o preconceito contra a cor negra. O dicionário não ajudou e ele seguia triste até que o avô tem uma conversa decisiva com ele, mostrando que ser negro não é desmerecimento, nem feio e que cada um deve valorizar sua cor e história.

Etapa 3: Diferenciação de atividades para cada ano

1° ano:

Momento 1: Nesta fase do Ensino Fundamental, algumas crianças ainda não conseguem ler, portanto a professora contará a história do livro.

A partir da leitura, fazer uma roda de conversa com os alunos, questionando-os sobre o que entenderam da narrativa, explorando as ilustrações. Em seguida fará questionamentos direcionados aos alunos tais como: suas origens, família, o que eles entendem como diferenças de etnias; quais as cores dos olhos; tipos de cabelos; etc.. Com essas e outras perguntas a professora mediará uma conversa sobre preconceito, como ele pode acontecer e se alguma criança já presenciou um fato de desrespeito com um aluno negro ou com algum colega; como se sentiu ao ver um colega ser desrespeitado por sua cor. É importante que a professora aponte que todos somos iguais, independente da cor da pele, do tipo do cabelo e que merecemos ser respeitados.

Momento 2: Partindo da conversa, a professora pode propor uma pesquisa sobre o tema do preconceito racial, com histórias que aparecem na imprensa.

As pesquisas devem ser socializadas em sala de aula para se discutir os tipos de preconceito que o negro sofre na sociedade, assim como formas combater o preconceito dentro e fora da escola. Nesse momento a professora pode passar pequenos vídeos com histórias de preconceito e superação para que os alunos vislumbrem o tema e construam uma nova forma de interagir e entender a temática. Outra ação pode ser a de apresentar outros livros com narrativas que tratem do preconceito racial.

Momento 3: Será proposto a confecção de desenhos e pinturas sobre o tema preconceito racial, a aceitação da cor negra, sua beleza, o respeito que temos que ter com os afrodescendentes. Esses trabalhos podem ser feitos por meio de desenhos originais ou de colagem de imagens. Em cada painel será afixada uma frase (pensada anteriormente pelos alunos) que estimule o respeito entre as etnias e que mostre como o preconceito deve ser superado.

Será feito painéis com os desenhos e pinturas. Os trabalhos serão expostos no dia da apresentação para que os visitantes possam captar o olhar da criança sobre o preconceito, diversidade de raças, respeito e aceitação dos afrodescendentes.

2° ano:

Momento 1: Pedir aos alunos que leiam e o livro e depois fazer uma roda de conversa (nos mesmos moldes apresentados no primeiro ano)

Momento 2: Para essa faixa etária será desenvolvida uma peça teatral a partir do livro. O teatro permite que o corpo e a voz expressem sentimentos e traz concretude na forma de apresentação do livro.

Depois da roda de conversa a professora pode lançar a ideia de se fazer uma peça teatral com o livro lido. Para isso a turma deve dividir tarefas como: levantar quantos personagens tem no livro e qual o perfil de cada uma; analisar se o livro como está pode ser um bom roteiro para a peça ou se devem ser feitas modificações; discutir se vai ter cenário, material cênico, figurino e maquiagem especiais; definir quem vai ser cada personagem e também o que os outros alunos da turma vão fazer para que a peça seja produzida (figurino, cenário, iluminação, música, etc.).

Caso a escola tenha mais de uma turma de 2° ano, cada uma poderá escolher um livro com a temática do preconceito racial e apresentar uma peça diferente.

Momento 3: A definição de quais alunos farão as personagens do livro e o roteiro que será usado é o primeiro passo para que a peça se torne realidade. Depois aconteceram os momentos de ensaio da peça, que serão mediados pela professora. A turma deve trabalhar em equipe e perceber que, mesmo aqueles que só fazem a figuração, são importantes para que a história seja levada aos palcos.

Outro fator para que a peça seja um sucesso é contar com a parceria da família para incentivar os alunos a aprender seus papeis e ajudar na produção de cenários, materiais cênicos e figurinos.

3° ano:

Momento 1: Pedir aos alunos que leiam e o livro e depois fazer uma roda de conversa (nos mesmos moldes apresentados no primeiro ano). Perguntar aos alunos o que eles conhecem sobre danças e festas afrodescendentes.

Momento 2: Sugerir uma pesquisa sobre as danças e festas afrodescendentes. Fazer a socialização das descobertas e sugerir que a turma escolha uma dança mais conhecida para representar a cultura negra.

Em nossa região temos o congado e a capoeira como as danças mais conhecidas. Nesse projeto partimos da premissa que a capoeira foi a dança escolhida por abrir a possibilidade de se contar a história do livro por meio de uma música de capoeira.

Se a escola tiver mais que uma turma de 3° ano outras danças podem ser escolhidas de modo que cada turma apresente uma dança afrodescendente diferente.

Momento 3: A proposta foi roda de capoeira. A escola convidaria um professor de capoeira para ajudar os alunos a apresentarem de forma original a releitura do livro.

Para que os alunos criem uma música sobre o livro serão necessárias várias aulas nas quais eles possam aprender sobre a historicidade da capoeira, os movimentos, os instrumentos musicais e as formas de se compor uma música para roda de capoeira.

Os alunos dançariam envolvidos na roda de capoeira, e o mestre iria cantar (narrando a história de Enzo), com isso os alunos viveriam as emoções de Enzo, por meio da dança e da música de capoeira. Com os gestos dessa luta/dança afro, o livro teria uma nova roupagem.

4° ano:

Momento 1: Pedir aos alunos que leiam e o livro e depois fazer uma roda de conversa (nos mesmos moldes apresentados no primeiro ano)

Momento 2: O trabalho com essa turma seria a confecção de um livro que teria como tema o preconceito racial. Para ter material para escrever uma história, os alunos poderiam fazer

pesquisa sobre casos de preconceito racial que apareceram na mídia, entrevistar pessoas ou contar suas experiências pessoais.

Momento 3: O professor deverá acompanhar o desenvolvimento da história, lembrando aos alunos que existem diferentes tipos de gêneros textuais (poesia, narrativa ficcional, narrativa jornalística, etc.) que podem ser utilizados para contar uma história. A narrativa deve ser feita de forma oral e depois ser escrita no gênero textual que o aluno achar mais adequado.

Depois que a história estiver pronta, corrigida gramaticalmente e digitada, os alunos podem ser encaminhados ao laboratório de informática para escolher imagens para ilustrar os livros. Outra forma de ilustrar os livros pode ser com desenhos dos próprios alunos, colagem de imagens, etc. O fundamental é deixar o aluno usar a criatividade. No caso das colagens, desenhos e imagens é só digitalizar para colocar no texto digitado.

Os livros podem ser apresentados impressos ou em forma de e-book, dependendo da capacidade financeira da escola. A vantagem do e-book é que poderá ser disponibilizado no blog da escola e compartilhado com todos, além de ter custos financeiros menores.

5° ano:

Momento 1: Pedir aos alunos que leiam e o livro e depois fazer uma roda de conversa (nos mesmos moldes apresentados no primeiro ano)

Momento 2: A atividade proposta para esse ano é produção de curta metragem. Para incentivar os alunos, o professor deve passar alguns curtas que tratem do tema do preconceito racial e mostrar que, com a tecnologia presente nos celulares, é possível fazer curtas metragens muito criativos e interessantes sobre o tema.

Momento 3: Para que a turma consiga desenvolver seus curtas é necessário planejamento. Inicialmente definição de um subtema (religiosidade, cultura, preconceito, estética, etc.) e da abordagem (entrevista livre, história estruturada, fantoches, dedoches, etc.). Definição de regras como: quanto tempo cada curta deve ter, em que mídia será filmado, se terá montagem, música, etc.

Os alunos devem perceber que eles podem montar seus curtas com a tecnologia que dispõe e, para isso, a escola disponibilizará o laboratório de informática para pesquisas e montagem dos curtas.

Etapa 4: Culminância do projeto

De acordo com o cronograma das atividades a última etapa será a culminância do projeto com a exposição dos trabalhos para a comunidade escolar.

A escola pode abrir um concurso para o convite, incentivando os alunos a montarem um banner com as informações do Projeto para ser enviado para os pais e para a comunidade como um todo. O convite pode ser impresso ou online e enviado via redes sociais.

No dia da culminância do projeto é necessário que na abertura se explique sobre o livro, os objetivos do projeto e as atividades que foram desenvolvidas. As turmas irão, de forma criativa e inovadora, apresentar seus trabalhos:

1º ano: Apresentação do painel de desenhos e pinturas

Os painéis das turmas do 1º ano podem ser distribuídos pela escola, sendo que os alunos responsáveis devem ter um momento para explicar suas criações.

2º ano: Peça Teatral

A(s) peça(s) desenvolvida(s) pelo 2º ano devem ser apresentadas em espaço próprio.

3º ano: Roda de Capoeira

A roda de capoeira com a(s) música(s) sobre a história de Eno deve ser apresentada. Se houver outras formas de dança cada uma deve ser explicada e apresentada.

4º ano: Lançamento dos livros

O lançamento dependerá da forma com que o livro será apresentado. Na forma impressa: exibição dos livros, autografar livros para a comunidade, etc. Na forma de e-book: apresentação dos livros no blog da escola. Em ambas as formas pode ser feita a leitura de um ou dois livros para que a comunidade saiba a história de cada um.

5º ano: Curta metragem

Disponibilizar um telão para passar alguns dos curtas e o link para conhecer todos os curtas produzidos pela escola. Os curtas podem ser disponibilizados no blog da escola ou em um canal do youtube.

Em todas as atividades podem ser apresentadas fotos das etapas do desenvolvimento dos trabalhos para que a comunidade aprecie. Outra variante pode ter um concurso que aponte e premie os melhores trabalhos de cada ano apresentado.

Cronograma:

As atividades devem ser iniciadas no mês de junho e sua culminância será no Dia da Consciência Negra (20 de novembro).

Avaliação:

Os alunos serão avaliados durante todo período do desenvolvimento do projeto, dando ênfase às mudanças de atitudes pessoais: se foram capazes de trabalhar em grupo, se construíram atitudes de respeito ao afrodescendente, se os conhecimentos adquiridos fizeram deste aluno um ser político-cultural capaz de mudar o seu meio social.

Referências do projeto

BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> Acesso em: 23 ago. 2018

_____b. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm> Acesso em: 23 ago. 2018.

_____ c. **Base Nacional Comum Curricular.** Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-

content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 12 set. 2018.

SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim!** Belo Horizonte: Editora Mazza, 2008.

4. Conclusão

Durante o processo de estudo para o desenvolvimento dessa pesquisa, aprendemos que a pedagogia de projetos e sua aplicabilidade dentro do ensino se fazem necessários, pois garantem um aprendizado significativo para o aluno, por meio do seu envolvimento em todas as etapas do processo, desde o levantamento da problemática até a apresentação dos resultados.

O papel do professor faz toda diferença dentro da pedagogia de projetos, ele é o mediador, levando seus alunos a exploração, pesquisas e novos caminhos, por meio da utilização de recursos tecnológicos, gráficos e audiovisuais, fazendo que o ensino passe a ter significado para o aluno.

Outra característica essencial é o trabalho em equipe entre os envolvidos, que toma proporções que ultrapassam o ensino tradicional, fazendo que a interdisciplinaridade leve o aluno ao crescimento enquanto sujeito político, ético e cultural, desenvolvendo nele o seu verdadeiro valor como cidadão com direitos e deveres. Trabalhar em grupo permite que os alunos aprendam sobre cooperação, seguir regras, saber argumentar suas ideias, abrir mão de posicionamentos pessoais em nome do grupo e desenvolvam soluções para os problemas levantados de forma criativa, imaginativa e empreendedora.

Destacamos na pesquisa as propostas de Dewey, Hernandez e Emília Ferreiro por apresentarem que os projetos não são um modismo, mas que já existem desde a década de 1920 e que todo o processo envolvido tem ação-reflexão-ação e que, se bem trabalhado, é uma ferramenta que melhora o ensino-aprendizagem do aluno. Esses e outros pensadores nos permitiram perceber que o trabalho com a pedagogia de projetos pode ser rico em possibilidades de ação, atividades e caminhos a serem percorridos e é essa multiplicidade de oportunidades para pensar e agir que propicia ao aluno oportunidades para desenvolver suas habilidades e competências dentro e fora do espaço escolar.

Para que a pedagogia de projetos seja uma experiência efetiva é necessário que se desenvolva na preparação e execução de um projeto os laços sócio-afetivos, o espírito de equipe e de liderança que produzem o crescimento pessoal e coletivo dos alunos, assim a

educação solidifica-se e se torna eficaz, gerando a construção e reconstrução de indivíduos melhores, mais humanos e empreendedores.

A pedagogia de projetos sozinha, enquanto metodologia, ferramenta ou técnica de se trabalhar a aprendizagem, não vai modificar a educação. Ela não é uma panaceia que, magicamente, vai resolver todos os problemas da escola no Brasil, mas pode promover uma nova forma de pensar, de agir e de refletir sobre como o aluno aprende, sobre a necessidade da escola ter espaços e tempos que permitam percorrer diferentes e múltiplos caminhos de aprendizagem a partir do conhecimento prévio do aluno e da sua capacidade para adquirir novas habilidades e competências ao longo de sua vida acadêmica. Assim, a pedagogia de projetos não deve ser uma exclusividade do Ensino Médio, mas se aplicada em todos os níveis de ensino, respeitando a capacidade de questionar, se organizar e adquirir conhecimento em cada fase da vida acadêmica do aluno, promovendo uma aprendizagem significativa, consistente e duradoura.

Referências bibliográficas

BENDER, William N. **Aprendizagem baseada em projetos:** educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014.

BRASIL ESTÁ EM penúltimo lugar no ranking da educação. Disponível em: <http://www.progresso.com.br/caderno-a/educacao/brasil-esta-em-penultimo-lugar-no-ranking-da-educacao> Acesso em: 09 nov. 2017.

BRASIL. **BNCC** – Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

DEWEY, John. **Experiência e educação.** Petrópolis: Vozes, 2010.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente:** A teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

HERNÀNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação:** os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

INEP APRESENTA RESULTADOS da Prova Brasil 2015. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/09/inep-apresenta-resultados-da-prova-brasil-2015> Acesso em: 09 nov. 2017.

LEMOS, Josemary Bosco Ribeiro; MOURA, Dácio Guimarães de. **Metodologias de projeto no ensino da disciplina Análise de Sistemas:** relato de experiência. Disponível em: <http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B2B87FC97-76C4-4A17-ABDB-540208B464B2%7D_relato%20disciplina%20de%20analise.pdf> Acesso em: 20 ago. 2018

MOREIRA, Marco Antonio. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf> Acesso em: 21 ago. 2018

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito**. Pedagogia de projetos:** fundamentos e implicações. Disponível em: <http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_4_projetos/conteudo/unidade_1/Eixo1-Texto18.pdf> Acesso em: 10 out. 2017.

SOUZA, Rodrigo Augusto de; MARTINELI, Telma Adriana Pacífico. **Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro.** Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/35/art11_35.pdf> Acesso em: 20 ago. 2018.

VANTI, Elisa dos Santos. **Projetos interdisciplinares**. Curitiba: IESDE, 2012.